pub Pizza Hut - Agarra já a tua Pizza Primo! 2 pizzas médias por apenas ?12! Imprime

Cumprimento do défice é aritmética e não significa crescimento, diz economista

Tweet 2 Share

24 de Janeiro, 2013

O cumprimento em 2012 do défice exigido pela 'troika', divulgado na quarta-feira pela Direcção-Geral do Orçamento e contestado pelo PS, é para o professor de economia José Reis, uma questão mais aritmética do que económica.

Segundo disse este economista à Lusa, a questão do défice "é importante", mas é preciso ter em conta que "foi conseguido com medidas extraordinárias", reflectindo "uma economia que não cresce e, portanto, não produz receita fiscal como poderia produzir se estivesse a funcionar normalmente".

O professor catedrático da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra e investigador do Centro de Estudos Sociais comentava a execução orçamental de 2012 apresentada na quarta-feira.

De acordo com os números da Direcção-Geral do Orçamento (DGO), o défice em contabilidade pública e segundo os critérios acordados com a 'troika' ficou-se pelos 8.329 milhões de euros (5% do PIB), quando o limite estabelecido com a 'troika' era de 9.028 milhões de euros (5,4% do PIB).

Números que contaram com o encaixe de 800 milhões de euros de receita conseguidos com a concessão da ANA, mais 200 milhões de euros do que o inicialmente previsto pelo Governo.

"Hoje, os desempregados não pagam IRS porque não têm salário, as famílias, que não consomem e que têm de comprimir o seu consumo, não pagam IVA, as empresas que estão em insolvência também não funcionam e não geram IVA. Portanto, o que é que significa falar do défice nestas condições?", questionou José Reis, explicando que, neste caso, trata-se "de uma variável macroeconómica que foi conseguida à custa de um grande aperto da economia e de medidas extraordinárias".

Para o economista, era preferível o défice português ter ultrapassado os 5% previstos para 2012, "se o Estado estivesse a tomar medidas e a fazer despesas para revitalizar a economia ou para investir".

Também a "euforia" que se seguiu à operação de regresso de Portugal aos mercados financeiros e ao pedido de extensão do prazo de pagamento do empréstimo da 'troika' é, para o professor de economia, questionável.

"Não vejo motivo para euforia", afirmou, adiantando que "do ponto de vista real e substantivo, do funcionamento da economia, dos problemas que têm incidido sobre o rendimento das famílias, sobre a capacidade para haver procura e haver espaço para as empresas funcionarem e terem expectativas positivas, nada se altera".

Lusa/SOL

Mais Notícias»

Volkswagen investe 785 milhões em Espanha

Autoridade da Concorrência investiga venda do Pavilhão Atlântico

Portugal tem sectores 'muito apetecíveis' para empresários chineses

Portugueses a trabalhar em Espanha são cada vez menos

Défice das administrações públicas em fica a 699 milhões do limite da 'troika'

Portugal cumpre défice devido à concessão da ANA

Despesa fica 1622 milhões abaixo do estimado em 2012

Estado arrecadou menos 1600 milhões com IRS e IRC

Imprimir
Aumentar texto
Comentar
Partilhar

437 visitas

Relacionadas »

Défice das administrações públicas em fica a 699 milhões do limite da 'troika'

Portugal cumpre défice devido à concessão da ANA

Despesa fica 1622 milhões abaixo do estimado em 2012

Estado arrecadou menos 1600 milhões com IRS e IRC